

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

CONCERTO BPI

16 Set 2016
21:00 Sala Suggia

-
TRANSGRESSÕES

Olari Elts *direcção musical*

Gustav Mahler

Sinfonia n.º 9 (1910; c.80min.)

1. *Andante comodo*
2. *No tempo de um Ländler cómodo. Algo desajeitado e muito grosseiro*
3. *Rondo-Burleske. Allegro assai. Muito desafiante*
4. *Adagio. Muito lento e ainda mais refreado*

— Concerto sem intervalo —



casa da música





Maestro Olari Elts sobre o
programa do concerto

<https://vimeo.com/182673399>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
RESECO
RESECO

REMA
REMA
REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Gustav Mahler

KALISTE, 7 DE JULHO DE 1860

VIENA, 18 DE MAIO DE 1911

Sinfonia n.º 9

Estreia: 26 de Junho de 1912, Viena

Orquestra Filarmónica de Viena, dir. Bruno Walter

Orquestra: flautim, 4 flautas, 4 oboés, 3 clarinetes, clarinete soprano, clarinete baixo, 4 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, percussão, 2 harpas e cordas.

O último período criativo de Gustav Mahler – incluindo *A Canção da Terra*, a Sinfonia n.º 9 e os fragmentos da Sinfonia n.º 10 – revela um universo trágico, um mundo em desagregação e uma mente submersa em complexos processos psíquicos. Entre 1907 e 1909 Mahler sofreu vários golpes do destino, entre os quais a morte da sua filha Maria Anna, o diagnóstico de uma grave e incurável doença coronária, conflitos com a sua esposa Alma e intrigas várias contra si por parte de destacados membros da sociedade vienense. Além disso, a Oitava Sinfonia tinha-se imposto como obra limite, não sendo possível para Mahler prosseguir nessa direcção apoteótica e ‘grandiosa’. Do ponto de vista social e político também a Monarquia do Danúbio, centrada em Viena, mas estendendo-se por quase meia Europa, se desmoronava rapidamente, revelando cada vez mais aspectos decadentes e mórbidos, um povo que dançava alegremente sobre um dos mais violentos vulcões sociais da história, vulcão que viria a explodir apenas quatro anos mais tarde, em 1914. A Nona Sinfonia de Mahler é tradicionalmente associada às ideias de morte, de luto, de testamento espiritual, tendo sido estreada

um ano após a morte do compositor. Para essa associação ‘fúnebre’ muito contribuíram personalidades como Arnold Schoenberg, Alban Berg, Willelm Mengelberg, ou o primeiro biógrafo de Mahler, Paul Bekker. Mas a pessoa que melhor conhecia Mahler, que tinha trabalhado regularmente com ele desde os tempos de Hamburgo (1894), era Bruno Walter. E Bruno Walter nunca insistiu nessa associação, referindo-se à “nostalgia do adeus” tão característica de Mahler, não como resultado directo de uma continuidade vida/obra, mas sim como expressão genuína de densos sentimentos “interiores e imediatos”. A reflexão sobre a Morte, por exemplo, é um dos motivos constantes da vida e obra de Mahler – desde as primeiras obras, incluindo várias ‘marchas fúnebres’ e canções de despedida. A Quarta Sinfonia (que Mahler explicitamente referiu como aparentada à Nona) reflecte precisamente a passagem da vida terrena para a vida celestial. Mais do que a sinfonia do ‘adeus’, a Sinfonia n.º 9 é uma obra sobre a maneira de pensar o ‘adeus’, e de integrá-lo numa obra de arte. Resultado de uma interioridade radical, esta sinfonia parece revelar um vasto conjunto de processos psicológicos, mentais e emocionais específicos de Gustav Mahler. A impressão geral ‘trágica’ que esta música suscita tem tanto a ver com os intrincados desenvolvimentos sonoros (que frequentemente não oferecem aquilo que prometem), como com a apresentação de ‘visões’ musicais enigmáticas e ígnotas, momentos ‘estranhos’ que o ouvinte tem dificuldade em localizar dentro de categorias mentais tradicionais. Entre a visão abrangente da Natureza e do Cosmos da Primeira Sinfonia e a concentração psicológica total da Nona parece desenhar-se um percurso de crescente focalização na mente e nos processos mentais – algo que o grande interesse de

Mahler pela recém-nascida disciplina da Psicanálise (que o levaria mesmo a consultar Freud em 1910) parece confirmar.

Mahler começa a Sinfonia n.º 9 com um andamento lento – **Andante comodo**, em Ré maior – mas não lhe confere o carácter de ‘introdução’ ou de ‘preparação’, tendo composto sim um verdadeiro andamento em forma-sonata, com um conteúdo autónomo e de grande significado musical. O tempo é lento e tem uma tendência geral para ser ainda mais lento, anunciando já a suprema lentidão do início da Décima Sinfonia. Mahler trabalha aqui com ‘processos’: mais do que figuras musicais claras e bem definidas, ouve-se um desenrolar de eventos sonoros, um processo de lenta definição de conteúdos, uma exploração quase táctil de um universo desconhecido. Nesta perspectiva, quando os temas ou motivos aparecem eles impõem-se ao ouvinte como o resultado psicológico inevitável desses processos, e não como objectos sonoros nitidamente delimitados. No lugar de ‘temas’, ‘contra-sujeitos’, ‘transições’, ‘episódios paralelos’, ou outros elementos formais tradicionais, Mahler propõe uma panóplia de ‘zonas emocionais’: *docemente cantado, com raiva, apaixonadamente, sombrio, agitado, potente, com a máxima violência, como uma procissão pesada, levitando, hesitando, morrendo*. Todas estas indicações emocionais são testemunho da complexa densidade psíquica que deu origem a este andamento, e o grau de interioridade psicológica, de concentração dos meios e do discurso, associados a uma subtil arte de tratamento polifónico e a fascinantes inovações harmónicas, faz deste andamento um dos pontos culminantes de toda a música ocidental.

O segundo andamento (em Dó maior) – **Im Tempo eines gemächlichen Ländlers. Etwas täppisch und sehr derb** – é, na reali-

dade, um Scherzo, designação que Mahler eliminaria apenas numa fase avançada da composição, substituindo-a pelo (também provisório) título de “Minueto infinito”. Feito pela sucessão de três danças rústicas, este andamento acabaria por adoptar o título da primeira, um Ländler pesado, escrito num idioma tipicamente austríaco. A estrutura formal segue as três danças, incluindo os seus *tempi* específicos: ao Ländler segue-se uma estranha Valsa de contornos marcados e angulosos, à qual se segue um segundo Ländler, de carácter diferente do primeiro. Mais do que danças completas apresentadas de maneira integral, o que Mahler propõe é uma sucessão de ‘ruínas’ de danças, de fragmentos e partículas de memórias, recordações, velhas corporeidades vividas em anos longínquos. Como se o compositor recordasse episódios soltos da sua infância e juventude, impressões distantes de um tempo impreterivelmente perdido. Fragmentos de memórias da província austríaca e de salões vienenses. O carácter ambíguo de todo o andamento, alternando entre alegria despreocupada e seriedade pomposa, revela-se de maneira paradigmática nas inúmeras indicações expressivas que a partitura contém, indicações que chegam a requerer ao mesmo tempo, no mesmo instante, caracteres tão distintos como “morrendo” e “scherzando”.

O **Rondo-Burleske**, em Lá menor, assume a função de um segundo Scherzo, ironizando sobre coisas conhecidas através da sua distorção, exagero ou omissão. Constituído uma das *pièce de résistance* obrigatória de todas as grandes orquestras (pelo seu extraordinário grau de dificuldade de execução), é um andamento de enorme virtuosismo de composição, tanto a nível formal, como de organização intrínseca do material musical. Mahler subdividiu-o em três secções ‘burlescas’, inter-

caladas por dois Trios contrastantes, seguidas de um 'quase-fugato' e de uma Coda abrupta e desafiante. No entanto, como várias análises vieram revelar, todo o material musical empregue nos 667 compassos deste andamento consiste em extrapolações do material apresentado nos primeiros dezasseis compassos. Segundo Theodor W. Adorno, estamos diante da peça mais virtuosística de Mahler, virtuosismo entendido aqui como reacção ao desespero, como 'superconstrução' para criar uma outra realidade paralela. Mahler dedicou-o 'aos meus irmãos em Apolo', indicando tratar-se de uma visão sarcástica da indomável actividade humana, do absurdo filosófico que tal actividade encerra e da vacuidade geral das nossas acções terrenas. Toda a orquestra está constantemente em movimento, numa hiperactividade asfíxiante, impondo uma quase anarquia de motivos, instrumentação e distribuição tímbrica – sugerindo a presença de demónios irrequietos e incansáveis. Nesse sentido podemos estar diante de uma perturbadora dança macabra, colorida por uma ironia simultaneamente ingénua e selvagem.

Depois de três andamentos de 'despedida', o Finale não poderia ser uma apoteose triunfal, optando Mahler por um aprofundar do diálogo com a Morte através de um **Adagio** lento, sereno e de intensa densidade de expressão. Escrito em Ré bemol maior, este *Adagio* tem afinidades com o final da Terceira Sinfonia e, especialmente, com o último Lied ("O Adeus") da *Canção da Terra* (1907-1909). Do ponto de vista formal trata-se de um andamento em forma de variações, com um tema e doze variações (não assinaladas como tal na partitura), intercaladas por dois *Interlúdios* de beleza imaterial. O tema inicial de nove compassos, entregue às cordas com "um som grande", será objecto de transforma-

ções integradas num processo global e omnipresente de metamorfose contínua. Mais do que variações, Mahler revela diferentes 'estados' de uma mesma matéria, desvelando a essência intangível da existência, impalpável mas perceptível. No fim (*Adagissimo*) só as cordas tocam, num *pianissimo* geral com "a mais intensa e interior expressividade". A indicação 'morrendo', notada repetidas vezes na partitura, indica que esta música não é já deste mundo, criando uma sonoridade etérea e metafísica, sons que eram desconhecidos aquando da estreia desta sinfonia e que contribuíram para a sua associação às esferas da morte, do luto e de 'testamento espiritual'. Quando as violetas tocam, em *pianississimo*, a última figura de toda a sinfonia, o ouvinte encontra a sua interioridade profunda, tendo sido conduzido por Mahler aos mais recônditos meandros da sua própria psique – factor que talvez explique a profunda comoção interior que este andamento produz nos ouvintes.

PAULO DE ASSIS, 2010

Olari Elts *direcção musical*

Olari Elts conquistou grande respeito no panorama musical internacional graças ao seu estilo de programação singular e imaginativo. Apresenta-se com agrupamentos como as Sinfónicas de Seattle e Viena, Sinfónica da Cidade de Birmingham, Orquestra Nacional de Gales da BBC, Sinfónica NDR de Hamburgo, Sinfónica da Rádio SWR de Estugarda, Staatskapelle Weimar, Filarmónica da Rádio Holandesa, Sinfónica Nacional Dinamarquesa, Orquestra Nacional de Lyon, Sinfónica do Porto Casa da Música, Sinfónica Yomiuri Nippon, Filarmónica da Malásia e Sinfónica de Melbourne.

Na temporada de 2016/2017, Olari Elts estreia-se com a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, Orquestra da Radio France no festival Paris Presence, Sinfónica de Seattle e National Arts Orchestra Ottawa (dirigindo a estreia mundial de *Diary of Virginia Woolf* de Gary Kulesha). Entre os seus compromissos futuros incluem-se concertos com a Filarmónica de Helsínquia, Staatskapelle Weimar, Sinfónica da Letónia, Sinfónica do Porto Casa da Música, Sinfónica de Lahti e Filarmónica de Tampere.

Olari Elts é também reconhecido pelo seu trabalho com agrupamentos de câmara, tendo sido aclamado especialmente pelos concertos com a Orquestra de Câmara Escocesa. Esta temporada prossegue o projecto da gravação das obras de Erkki-Sven Tüür com a Tapiola Sinfonietta, incluindo o Concerto para viola com Lawrence Power. Colabora com solistas como Jean-Efflam Bavouzet, Olli Mustonen, Jean-Yves Thibaudet, Simon Trpčeski, Stephen Hough, Isabelle Faust, Baiba Skride, Gautier e Renaud Capuçon, Sol Gabetta, Alban Gerhardt, Kari Kriikku, Martin Grubinger, Sally Matthews e Lilli Paasikivi.

No domínio da ópera, dirigiu com sucesso uma nova produção de *Eugene Onegin* para a Arctic Opera, com uma digressão pela Noruega em Fevereiro de 2015. Dirigiu várias produções na Ópera Nacional da Estónia, incluindo *Albert Herring* de Britten, *Il Trittico* de Puccini, bem como *Don Giovanni* e *Idomeneo* de Mozart com as Orquestras Sinfónicas Nacionais da Estónia e da Letónia. Em 2010, dirigiu *La Damnation du Faust* de Berlioz na Ópera de Rennes.

O fascínio de Elts pela música do seu compatriota estónio Erkki-Sven Tüür foi assinalado em 2014 com a gravação de um disco com a Sinfonia n.º 5 para guitarra eléctrica, orquestra e big band e o Concerto para acordeão *Prophecy*.

Olari Elts mantém-se como Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia. Entre os cargos que ocupou anteriormente, incluem-se os de Maestro Convidado Principal da Orquestra Filarmónica de Helsínquia (2011-2014), da Orquestra da Bretanha (2006-2011) e da Orquestra de Câmara da Escócia (2007-2010); e Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Nacional da Letónia (2001-2006).

Olari Elts nasceu em Tallinn, em 1971. É fundador do agrupamento de música contemporânea NYYD Ensemble.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Reinbert de Leeuw, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se juntam em 2016 os nomes de George Aperghis e Heinz Holliger.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid,

Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren*
Radu Ungureanu
José Despujols
Evandra Gonçalves
Vadim Feldblioum
Roumiana Badeva
Andras Burai
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Ianina Khmelik
Maria Kagan
Tünde Hadadi
Alan Guimarães
Ana Madalena Ribeiro*
Jorman Hernandez*
Diogo Coelho*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Paul Almond
Vítor Teixeira
José Sentieiro
Flávia Marques*
Clara Badia Campos*

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Francisco Moreira
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers
Emília Alves
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Anne Schlossmacher*
Francisca Moreira*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Gisela Neves
Sharon Kinder
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Vanessa Pires*
Klara Rundel*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Slawomir Marzec
Domingos Ribeiro*
Nelson Fernandes*
Bruno Carneiro*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Beatriz Baião*
Alexander Auer
Ana Catarina Costa*
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Roberto Henriques*
Tamás Bartók
Luciano Cruz*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Pedro Silva*
Gergely Suto
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov
Pedro Miguel Silva

Trompa

Juan Manuel Gomez*
Hugo Carneiro
Bohdan Sebestik
Hugo Sousa*

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé
Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

AXA PORTUGAL, COMPANHIA DE SEGUROS, S. A.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO GARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPCHS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBAL SHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

GRUPO SOARES DA COSTA, SGPS, S. A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVEST - SGPS, LDA.

PESCANOVA

PORTO EDITORA, S.A.

PORTUGAL TELECOM, SGPS, S. A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

CREATE IT

DELOITTE

EUREST

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

I2S

PATHENA

RAR

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

VORTAL

PATRONO DO MAESTRO TITULAR DO REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

SONAE SIERRA

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP



casa da música

MECENAS
PROGRAMAS DE SALA

mas
OSVALDO NEVES/ARQUITECTURA

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

OSMAE

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

 **BPI**